

Davi não fuma

A Philip Morris perdeu a batalha contra o Uruguai, acusado de reduzir os lucros da empresa com a propaganda do governo sobre os perigos do tabagismo para a saúde. A câmara arbitral do Banco Mundial acaba de reconhecer o direito do país à defesa da integridade física da sua população. A decisão esfria um pouco o entusiasmo das multinacionais com os tratados de livre-comércio Transpacífico e Transatlântico, que aumentam o seu poder nas disputas com os Estados Nacionais. É também considerada um marco na luta contra os testes indiscriminados de produtos e a proteção, pelos grupos globais, de medidas de proteção à saúde pública. O processo da Philip Morris, receita anual de 80,2 bilhões de dólares em 2013, contra o Uruguai, PIB de 55,7 bilhões, começou em 2010.



Mercosul/ Serra, o trapalhão

Quis comprar o voto do Uruguai contra a Venezuela. Levou o troco na hora



O chanceler fala em democracia debaixo de seu telhado de vidro

O chanceler interino José Serra quis, em sua rancorosa cruzada contra a Venezuela de Nicolás Maduro, seduzir o Uruguai bem ao estilo que ressalta a prática política do governo que ele representa. Foi a Montevideu – com o ex-presidente Fernando Henrique a tiracolo – comprar o voto dos uruguaios contra o rodízio que daria à Venezuela, de pleno direito, a presidência do Mercosul. Serra acenou ao presidente Tabaré Vázquez e ao ministro Rodolfo Nin Novoa com a possibilidade de que o Brasil viesse a abrir para o Uruguai os mercados no Irã e na África, que,

por ironia, foram os governos do PT que escancararam para os produtos brasileiros. O governo uruguaio reagiu com indignação à proposta indecente de Serra (usou, sem ressalvas, a expressão “comprar o voto”) e manteve seu voto a favor da Venezuela. Se aceitasse, incorreria naquilo que Serra pratica com perfeição: a traição pelas costas. O que o chanceler interino propunha é que, na surdina, os uruguaios renegassem os acordos multilaterais acertados sob o patrocínio do Mercosul. O Itamaraty e o governo uruguaio tentaram botar panos quentes, na quinta 18, mas o estrago já estava feito.

Síria/ NAS BARBAS DE WASHINGTON

RÚSSIA CONSOLIDA INFLUÊNCIA AO USAR BASE NO IRÃ

Na terça-feira 16, a Rússia começou a usar a base de Hama, no Irã, para ataques aéreos ao Estado Islâmico e aos rebeldes na Síria. Com isso, intensifica seus bombardeios e poupa tempo e combustível e demonstra a consolidação de sua influência na Síria, no

Iraque (que autorizou o uso de seu espaço aéreo) e no Irã, que desde julho também recebe de Moscou mísseis antiaéreos S-300, de última geração.

A França questionou a legalidade da operação com base na resolução da ONU que proíbe transferir aviões

de combate ao Irã sem autorização do Conselho de Segurança, mas é um argumento especioso, pois esses aviões Su-34 e Tu-22 estão sob controle russo. A questão real é o quanto essa aliança reduz as opções do Ocidente e de Israel. Não se pode mais

pensar em atacar Teerã sem considerar o risco de uma guerra total. Além disso, o governo turco, frustrado pela falta de apoio da Otan e da União Europeia, e ressabiado pela tentativa de golpe, reaproxima-se abertamente de Vladimir Putin.

A Semana

Cuidado, este pen drive é um perigo

Os carcereiros da Bastilha de Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, onde o juiz Sergio Moro mantém presos José Dirceu e os acusados da Lava Jato, descobriram perigosos artefatos na cela que o ex-ministro divide com o ex-deputado federal Luiz Argôlo (Solidariedade-BA). A vistoria empreendida por agentes penitenciários flagrou duas sacolas plásticas com dois carregadores de celular e um pen drive. Escandalizados, apuraram que o pen drive em questão não armazenava nem documentos comprometedores nem literatura subversiva. Eram arquivos de música. Dirceu negou que o pen drive lhe pertença e comentou: "As tais músicas, pelo que ouvi dizer, são horríveis". Ainda assim, foi punido, juntamente com Argôlo, com 20 dias sem visitas – a não ser de seus advogados.



Elke Maravilha/ Um sorriso para as “crianças”

Aos 71 anos, ela se foi, levando o paradoxo de uma alegria sofrida

Não leve a vida a sério se você jamais sairá vivo dela. Elke Grunnupp, apelidada de Elke Maravilha por Chacrinha, gostava de citar a frase como um mote. Dizia-se trágica, não dramática. Incapaz de chorar, mas disposta a prantejar. Sua alegria natural soava como paradoxo. Vivera as tensões da migração. Nascida em Leningrado há 71 anos, fluente em oito línguas, tornara-se apátrida porque talvez nem mesmo o Brasil, para onde emigrara aos 6, acolhia tranquilamente seu modo de entender as coisas. Pelo contrário, em 1971, ao portar um cartaz que reivindicava o paradeiro de Stuart, filho de Zuzu Angel, amiga estilista para quem desfilava, viu-se detida pela ditadura por oito dias. Linda na juventude de modelo, atriz certaíra em filmes como *Xica da Silva*, passou pela vida, encerrada dia 16 após sua luta com uma úlcera, a ser quem era, exuberantemente vestida, a diluir a erudição em comunicação fácil, com a certeza do sorriso distribuídos aos interlocutores, suas “crianças”.



Aqui, não/ MINAS RECUSA TÍTULO A MORO

ASSEMBLEIA REJEITA IDEIA DEADULAR QUEM VIVE DA DELAÇÃO ALHEIA

Um certo Sargento Rodrigues, deputado estadual pelo PDT, tentou inscrever a Assembleia Legislativa de Minas no concerto de santificação de Sergio Moro, promovido pela mídia camaradinha. De olho no *Jornal Nacional*, apresentou requerimento à Comissão de Segurança

Pública da Casa propondo o título de cidadão honorário ao juiz da Lava Jato. A proposta foi a voto, na terça 16, e, por 3 a 2, foram derrotados o magistrado paranaense de 1ª instância e o sargento, expoente da bancada da bala. O único a acompanhar o voto do suboficial foi o deputado

João Leite, não por acaso filiado a esse PSDB cujas derrapadas éticas são invariavelmente ignoradas por Moro com o evasivo “isso não vem ao caso”. Minas, como se sabe, desde o século XVIII nutre grande desconfiança em relação a delatores e a juízes a serviço do status quo.



O candidato do PMDB no Rio e Alexandra, sua ex-mulher

Justiça?/ São Pedro Paulo

O procurador-geral Janot fez do agressor, vítima: e da vítima, a agressora

O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, ofereceu ao PMDB de Michel Temer a mãozinha que lhe faltava na eleição para a prefeitura do Rio. Anunciou, na segunda 15, que estava arquivando o inquérito contra o deputado federal Pedro Paulo, acusado de agressão pela ex-mulher Alexandra Marcondes. Ela procurou a polícia para denunciar que o então marido a espancara na madrugada do Natal de 2008 e fez exame de

corpo de delito. O caso voltou à tona no fim do ano passado, quando o prefeito ungiu Pedro Paulo como seu candidato à sucessão. Por ser deputado federal, Pedro Paulo beneficiou-se da tolerância do andar de cima da Justiça. Tipicamente, Janot argumentou que as marcas de agressão constatadas no exame são “decorrentes de atitude defensiva do investigado”. Ou seja, a vítima mulher, de 1,64 metro, é que teria agredido o agressor homem, de 1,88 metro.

Um casuísmo para calar a esquerda

A campanha municipal começou oficialmente na segunda 15 à sombra de um casuísmo tramado pela dupla Eduardo Cunha-Rodrigo Maia, ex e atual presidente da Câmara de Deputados. O sinistro consórcio conseguiu enganchar na legislação eleitoral uma cláusula que impede a participação nos debates para a prefeitura candidatos de partidos que não tenham dez ou mais deputados federais. Cunha e Maia visavam barrar sobretudo o PSOL, no Rio, que, com a candidatura de Marcelo Freixo, tem chances de vitória. A maioria dos candidatos teria de concordar com a participação de todos. Freixo (foto) acabou de fora, assim como, em São Paulo, Luiza Erundina – feroz adversária das emissoras que usam e abusam das concessões públicas de tevê.



“Watergate”/ NADADORES DE ÁGUAS TURVAS

LOCHTER E MAIS TRÊS AMERICANOS GANHAM MEDALHA EM CONFUSÃO

A versão mirabolante e contraditória que quatro atletas da natação olímpica dos Estados Unidos construíram acerca de um suposto assalto à mão armada na madrugada de segunda-feira 15, quando tentavam voltar à Vila

Olímpica da Barra, provocou uma daquelas retaliações tão típicas da polícia brasileira. Dois dos nadadores, Gunnar Bentz e Jack Couger, foram arrancados, na noite de quarta 17, de dentro do avião em que se preparavam, no Galeão, para voltar para os

EUA. Já a salvo, em casa, Ryan Lochter, dono de 12 medalhas olímpicas (inclusive o ouro no 4 x 100 metros livres, nestes Jogos do Rio), amenizou a versão, mas manteve o enredo: ladrões passando-se por policiais os assaltaram num posto

de gasolina. A Polícia Civil desconfia de uma farsa. Teria havido, isso sim, um desentendimento com o segurança do posto, após os atletas vandalizarem o lugar. O quarto nadador envolvido no episódio, James Feigen, continuava desaparecido.